

O CUIDAR E O EDUCAR OBSERVADOS NA INTERAÇÃO E NA BRINCADEIRA PLANEJADAS POR DUAS PROFESSORAS DO BERÇÁRIO

THE CARE AND EDUCATION OBSERVED IN THE INTERACTION AND PLAYING PLANNED BY TWO TEACHERS OF THE NURSERY

EL CUIDADO Y EL EDUCAR OBSERVADOS EN LA INTERACCIÓN Y EN LA BRINCADA PLANIFICACIÓN POR DOS PROFESORAS DEL BERÇÁRIO

*Izabel Carvalho da Silva Vieira

**Gilza Maria Zauhy Garms

Resumo: A pesquisa qualitativa, caracterizada como descritiva-analítica, aqui apresentada, vinculou-se à linha de pesquisa “Processos Formativos, Infância e Juventude” e ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP e foi realizada durante os anos de 2014-2016, e teve por objetivo verificar se as práticas de professoras do Berçário condiziam com a Proposta Pedagógica da creche e se estas cumpriram as determinações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Para a realização da investigação, foram selecionados os seguintes instrumentos metodológicos: análise documental, entrevista semiestruturada e observação. Com a análise documental, inferimos que grande parte dos itens estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foram cumpridos no documento da creche. Nas entrevistas, as respostas das professoras não evidenciaram questões referentes a interação e a brincadeira, como práticas a serem promovidas na creche, mas, ao ressaltarem que há uma especificidade na creche, através do brincar, inferimos que retrataram os eixos, pois estes se inter-relacionam. Os resultados revelaram que as práticas planejadas intencionalmente para a ocorrência de interação e brincadeira respondem mais às experiências vistas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil do que àquelas especificadas no Projeto Pedagógico da instituição. A instituição investigada apresenta uma estrutura diferenciada e a formação das professoras, bem como, o modo como se consideram professoras-pesquisadoras. Em razão disso, se notabilizam num contexto necessitado de práticas que integrem o cuidar e o educar, por meio de interações e brincadeiras.

Palavras-chave: Creche. Proposta Pedagógica. Prática Pedagógica. Interação e Brincadeira.

Introdução

Este texto visa apresentar a pesquisa realizada em nível de mestrado. A presente investigação surgiu quando ainda cursava as disciplinas voltadas para a Educação Infantil, no ano de 2012, no curso de licenciatura em Pedagogia. Ao acompanhar o trabalho de professores de creche, deparei-me com algumas situações no período de estágio supervisionado que me levaram à seguinte questão: o profissional que trabalha com crianças pequenas pode e deve atuar de maneira que elas se apropriem do conhecimento produzido culturalmente, de forma que suas práticas pedagógicas entrelacem o cuidar e o educar?

Diante dessa questão, entendi que o professor tem um papel essencial no processo de construção do desenvolvimento e aprendizagem das crianças e, apoiando-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2009a) quanto à

* Mestrado em Educação (FCT/UNESP). E-mail: belinhafrench@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-8203-9774.

** Doutorado em Educação (UNESP/Marília). Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (FCT/UNESP). E-mail: gmzauhy@hotmail.com.

determinação do papel do professor como sendo o cuidar e o educar, vi que, na creche investigada durante o estágio supervisionado, não existiam práticas sendo desenvolvidas para e com as crianças pequenas, resultando apenas em práticas cujos momentos eram de alimentação, higiene e descanso.

Essas questões foram sendo sanadas em momentos de discussões no Grupo de Pesquisa FOPREI – Formação de Professor para a Educação Infantil –, que tem como um de seus objetivos “[...] contribuir para o avanço do conhecimento em relação à criança, assim como para a adequação de práticas educativas para criança de 0 a 5 anos [...]”. Esses períodos, repletos de relatos de profissionais, de discussões teóricas e metodológicas, colaboraram para o esclarecimento de questões e suscitaram o desejo de investigar o tema tão recorrente na Educação Infantil, ou seja, o da Proposta Pedagógica e sua relação com o Currículo, isto é, com as práticas desenvolvidas pelos professores.

A partir desses momentos e inquietações, os quais contribuíram para que iniciasse a investigação aqui levantada, comecei a pesquisa de Iniciação Científica cujo objetivo foi identificar as concepções teóricas e práticas de cinco professoras de creche que fundamentam a Proposta Pedagógica no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil.

Através dos relatos, notei que as professoras entendem a infância como um momento único, em cujo processo a criança é vista como um sujeito que pensa e é diferente do adulto, de sorte que o desenvolvimento infantil ocorre em função nas interações das crianças com seus pares, com os adultos, com o ambiente e os recursos disponibilizados. Reconhecem também a educação das crianças como espaço de promoção do bem-estar e de estimulação, por meio das ações que envolvem o cuidar e o educar, permeados pela brincadeira. Entendemos nesse momento que as concepções docentes refletem diretamente nas ações com as crianças.

Portanto, este trabalho se apresenta como continuidade da pesquisa de Iniciação Científica, da qual foram escolhidas, neste momento, as práticas concebidas a partir do que está explícito na Proposta Pedagógica da unidade. Com base no que destacam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009a), demos destaque para as práticas das professoras, verificando se estas condiziam com a Proposta Pedagógica da creche investigada e se enquadravam no que propõem as DCNEI (BRASIL, 2009a).

Ao realizar um levantamento de produções científicas sobre a temática em questão encontramos as dissertações de Carvalho (2011) e de Melo (2013), assim como as teses de Amorim (2011) e Trois (2012). Os artigos identificados foram de Richter e Barbosa (2010),

Amorim (2010), Sobral e Lopes (2011), Amorim e Dias (2012), Carvalho e Bissoli (2012), Brito (2014) e Lopes e Sobral (2014).

Com base nas produções acima, esta pesquisa parte da premissa de que, apesar das conquistas no âmbito legal e na produção científica, as práticas continuam improvisadas e os direitos da criança pequena não são totalmente respeitados. No entanto, tivemos interesse de investigar as práticas desenvolvidas por professoras do berçário da instituição escolhida para constatar se essa hipótese se concretiza.

Com esse levantamento, justificamos nosso trabalho na tentativa de achar coerência entre as práticas efetivadas pelas professoras do Berçário e a Proposta Pedagógica, diante do que recomendam as DCNEI (BRASIL, 2009a).

Na realização desta investigação, concebendo-a como qualitativa com viés descritivo-analítico, optamos por acompanhar o trabalho de duas professoras de Berçário por quatro meses, em uma creche, procurando destacar se as práticas desenvolvidas no Berçário estão em consonância com o que consta na Proposta Pedagógica, e necessariamente, com as DCNEI (BRASIL, 2009a), documento norteador dos Projetos Pedagógicos e que constitui um caso especial, o qual, a nosso ver, é digno de atenção.

Apresentamos a seguir os instrumentos metodológicos utilizados na recolha dos dados para que o cumprimento do objetivo dessa pesquisa fosse efetivado.

Metodologia

Esta pesquisa enquadra-se nos elementos da investigação qualitativa de cunho descritivo-analítico: descritiva, porque apresenta as práticas no espaço da creche desenvolvidas com crianças do Berçário de 0 a 2 anos, e analítica, pois implica a análise de documentos oficiais sobre a Educação Infantil e da Proposta Pedagógica da instituição investigada.

Escolhemos como instrumentos de pesquisa a análise documental, a entrevista semiestruturada e a observação acompanhada de registro sobre a prática docente. A apreciação dos dados ocorreu por meio de eixos de análise, a interação e a brincadeira, determinadas pelas DCNEI (BRASIL, 2009a) como práticas pedagógicas a serem desenvolvidas com a criança de creche.

Pensamos que as práticas desenvolvidas no interior de uma creche não são implementadas de modo aleatório ou assistemático, ou seja, não ocorrem sem uma base teórica, sem concordância com os documentos legais e institucionais. Por isso, gostaríamos de justificar que, se as práticas na creche seguem os avanços legais e educacionais, este é um dos

motivos pelo qual vimos a necessidade de fazer uma análise documental, quer da proposta Pedagógica da unidade selecionada, quer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Lüdke e André (1986) esclarecem que a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, tanto complementando informações obtidas por outras técnicas, quanto desvelando aspectos novos de um tema ou problema. Apoiando-se em Phillips, as autoras afirmam ainda que “[...] são considerados documentos quaisquer materiais escritos que podem ser usados como fonte de informação” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.38).

Com base em Caulley, as autoras reiteram que a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos, a partir de questões ou hipóteses de interesse:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizadas, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.39).

Dando continuidade à análise documental, escolhemos as entrevistas semiestruturadas com as professoras para obtenção do conhecimento do perfil socioeconômico, da formação das profissionais e de respostas a questões abertas que se referem ao tema da pesquisa.

As questões da entrevista que formaram o perfil das professoras do berçário são: sexo, idade, tempo de docência na Educação Infantil, formação e especialização. Os nomes são fictícios para preservar a identidade das professoras. A professora Alice tem 30 anos, Graduação em Pedagogia pela UNIESP – Faculdade de Presidente Prudente - SP, em Letras pela UNINOVE - Universidade Nove de Julho, Polo de Bauru - SP e Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Especial pela UNIVEL – Universidade de Cascavel - PR, em Ciências e Tecnologia da Educação pela UFABC – Universidade Federal do ABC – SP e em Educação Infantil pela UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Presidente Prudente. Atua desde 2004 na Educação Infantil, passando pelo Berçário, Maternal I e Maternal II.

A professora Beatriz não revelou sua idade. Tem Graduação em Pedagogia pela UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Presidente Prudente – SP, junto ao programa Pedagogia Cidadã, e Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Especial pela UNIVEL – Universidade de Cascavel - PR e em Educação Infantil pela UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Presidente Prudente- SP. Sua atuação se iniciou na APAE. Atua desde 2008 na Educação Infantil.

A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita de acordo as normas para transcrição do Projeto NURC, cuja representação é de uma conversa artificial compreendida como aquelas que "[...] seguem algum tipo de *script* ou roteiro prévio, com simulações simplificadoras" (MARCUSCHI, 1986, p. 13).

Lüdke e André (1986, p.34) observam que a entrevista é vantajosa, porque “[...] ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.” A entrevista com roteiro adotada nesta pesquisa, com base na autora, “[...] seguirá certa ordem lógica e também psicológica, isto é, cuidará para que haja uma sequência lógica entre os assuntos, dos mais simples aos mais complexos, respeitando o sentido do seu encadeamento.” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.35).

Apoiando-se em Lakatos, Szymanski (2010, p. 10) ressalta que a entrevista tem sido analisada como “[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.” Para a autora, a entrevista frente a frente constitui uma interação humana e, portanto, nela estão em jogo as concepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações dos sujeitos principais: o entrevistador e o entrevistado. A entrevista se caracteriza como um momento de organização das ideias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que constitui o caráter de recorte da experiência e confirma a existência de uma interação como geradora de um discurso particularizado.

Tendo em vista os objetivos propostos, fizemos também a observação direta, acompanhada de registros de campo, porque nos parece um instrumento de coleta de dados adequado, já que, segundo Lüdke e André (1986),

[...] o observador chega mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.26).

Para as autoras, a observação permite a coleta de dados em situações nas quais é impossível outra forma de comunicação, quando o informante não pode falar, como é o caso dos bebês.

A duração da observação da prática docente na instituição foi de quatro meses. Permanecemos *in loco* entre os meses de março a junho do ano de 2015. Pudemos acompanhar o trabalho realizado pelas professoras do berçário um dia da semana, em período integral, das 7h às 17h. Desse modo, levando em conta o professor como imprescindível nas instituições de Educação Infantil, reconhecido como um dos responsáveis pela educação de qualidade, capaz de transcender os limites que se apresentam no cotidiano de seu trabalho,

descrevemos suas práticas, a fim de esclarecer se estas se enquadram ou não nas práticas de interação e de brincadeira presente na Proposta Pedagógica da instituição e nas DCNEI (BRASIL, 2009a).

Neste momento buscamos enfatizar as práticas que as professoras intencionalmente criam, de maneira a propiciar a interação e a brincadeira entre as crianças. Esses eixos, apesar de compreendermos como integrados, elucidamos aqui separados através de alguns momentos observados como o do Projeto Água, do Projeto Dengue, da Alimentação, por meio de Recursos midiáticos e do Projeto Cantigas, bem como, dos momentos no espaço ‘Lar Doce Lar’, no espaço ‘Era uma vez’, da proposta do Dado de animais e entre as salas na área externa à creche.

O episódio descrito abaixo se refere a um dos Projetos da creche proposto no planejamento coletivo desenvolvido na sala do Berçário, pela professora Beatriz, a respeito da conscientização sobre a falta de água que estávamos passando, no Estado de São Paulo:

Enquanto as crianças dormiam num ambiente levemente escuro e ao som de cantigas de ninar, a professora Beatriz chegou com um boneco chamado “A Gotinha”, confeccionado por ela de manta acrílica e TNT azul, e o colocou estrategicamente no centro da sala. Quando as crianças iam acordando, locomoviam-se diretamente para a gota gigante e a professora ia logo apresentando a elas a nova almofada da sala. Uma a uma, tiveram a oportunidade de abraçar, sentir o cheiro e manusear a almofada. Assim que todas acordaram, a professora abriu as cortinas e as acomodou em roda e falou-lhes da importância que a água tem no banho, na ingestão, no preparar alimentos e na sua preservação. Ainda que os bebês não falassem, alguns balbuciavam a palavra “água”, que foi repetida pela professora várias vezes. Como proposta de atividade, a professora trouxe outra gota gigante de cartolina e colou no azulejo do banheiro. Levou todos ao chão do banheiro, deixou-os apenas de fralda e despejou dois tons de tinta azul em pratinho que ela mesma foi pegando e ensinando-lhes a pintar a gota gigante de água. Algumas crianças sorriam muito, ao sentir as tintas nas mãos, enquanto outras choravam, ao estranhar o contato com a tinta. Estas foram logo retiradas pela professora Beatriz e levadas ao banho. As crianças que sentiram prazer no contato com a tinta não se sentiram atraídas para pintar a gota colada na parede e começaram a pintar seus braços e pernas, bem como colocá-las na boca, para conhecer o sabor e a textura (a tinta era apropriada).

Pudemos notar que esse evento foi de entusiasmo e cuidado: entusiasmo, porque as crianças, ao perceberem a textura das tintas, inicialmente seguiram a proposta da professora em pintar com as mãos a gota gigante, porém, ao verem umas às outras passando nas partes do corpo, todas decidiram sentir as tintas também, bem como pintar umas às outras; cuidado, com relação à reação negativa no contato com a tinta, quando os bebês, ao primeiro estranhamento, foram retirados da atividade pela professora, respeitando o momento da

criança em explorar os materiais. Os sorrisos e sentimentos diversos, ao manusearem as tintas, puderam ser vistos nos registros fotográficos realizados pela professora.

Através do momento proposto pela professora Beatriz, vimos que a interação desenvolvida se aproxima das experiências que as professoras de Educação Infantil devem desenvolver, com as crianças pequenas, geradas “[...] na interação, cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais.” (BRASIL, 2009a, art. 9º, parágrafo X, p. 22).

Mostra-se, ainda, em consonância com as DCNEI (BRASIL, 2009a), ao perceber que, apesar de a professora ter uma proposta do Projeto Água para as crianças, no pintar a gota confeccionada de cartolina, o fato de elas pintarem o chão, de escolherem pintar a si mesmas e as outras crianças possibilitou “[...] o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.” (BRASIL, 2009a, art. 9º, parágrafo I, p. 21).

O outro projeto, denominado Projeto Dengue, realizado entre as salas, foi pensado na interação dos bebês com outras crianças pela professora Alice:

Numa sexta-feira de março cheguei às 7h da manhã na instituição e, ao me dirigir à sala do Berçário, deparei com três bebês sentados, brincando no centro da sala de carrinho, bichinhos e bonecas, enquanto a professora trocava a fralda de um bebê no banheiro. Sentei com elas para esperar todas as doze crianças chegarem e tomarem a primeira mamadeira de leite oferecida na creche. Assim que todas se acomodaram nas calças sensoriais e nos colchonetes, para tomar a mamadeira, a professora Alice anunciou que, após realizarmos as trocas de fraldas, íamos para o espaço externo da creche para uma apresentação sobre a Dengue. Terminando de trocá-las, a professora chamou-os até a porta e pediu que a acompanhassem. No percurso até o pátio a professora entoou uma música e algumas crianças saíram da sala engatinhando, outras andando e outras sendo levadas no colo, pela professora Alice e pela auxiliar de sala, que tinha acabado de chegar. Lá fora, deparamos com as crianças das outras salas sentadas em roda. Os recursos visuais, como o Mosquito Aedes Aegypti, confeccionado de garrafa pet, um alvo desenhado como um “não” ao mosquito e bolinhas de papel chamaram a atenção das crianças. Os bebês, cujos irmãos também estudavam na creche, foram logo se acomodando um do lado do outro e entrando na enorme roda. A professora do Maternal I apresentou-lhes o Mosquito da Dengue, o que ele fazia, quais eram as reações que tínhamos, ao sermos picados por ele e o que fazer, para não sermos picados pelo mesmo. Ao terminar, a professora Alice correu com o mosquito de garrafa pet, falando que ia picar as crianças, mas que elas deveriam correr, para não deixarem ser picadas. Ao retornarem da correria, fizeram uma roda de conversa e as professoras pediram que transmitissem o recado à mamãe de não deixar água limpa parada, senão o mosquito colocaria ovinhos. Elas perceberam que as crianças maiores já conheciam o assunto, pois haviam assistido na TV e a mãe havia falado. Para encerrar, as professoras propuseram que as crianças representassem e despejassem no jardim a

água parada preparada em copos pelas professoras e depois brincassem de “Tiro ao alvo” colado na parede, para não deixar o mosquito viver. Todas as crianças, mesmo as de colo, tiveram a oportunidade de lançar a bolinha e serem aplaudidas pelos colegas!

Como bem sabemos, os casos de dengue foram alarmantes no país todo e, ainda que a Proposta Pedagógica necessitasse de atualização do ano referente à minha observação, notamos que as professoras, nos planejamentos coletivos, viram a necessidade de alertar as crianças e as famílias para o cuidado e a prevenção a dengue.

As conversas do cotidiano servem para aquisição da linguagem da criança. Para Oliveira et al. (2012, p. 160), “[...] fica evidente que a interação com um parceiro mais experiente no uso da linguagem é o recurso básico para a criança construir instrumentos para conhecer o mundo e a si mesmo.”

Vimos, na apresentação do projeto Dengue, esse momento de comunicação entre professor e crianças, familiares e crianças, na prevenção do mosquito da Dengue e, por meio da imitação, em jogar a água fora e não deixar o mosquito picar.

Observamos também que a experiência de ampliação “[...] da confiança e da participação das crianças nas atividades individuais e coletivas” (BRASIL, 2009a, art. 9º, parágrafo V, p. 21) foram sugeridas pela professora Alice, no respeito que cada criança, ainda que pequena, teve em jogar a bolinha no alvo no Projeto Dengue e de escolher passar a tinta no corpo sem censura, no Projeto Água, desenvolvido pela professora Beatriz.

Outra experiência de interação promovida pela professora Alice, a qual notoriamente responde à ampliação da confiança e autonomia da criança em atividades individuais e coletivas, aparece a seguir:

Chegada a hora do almoço, a professora chamou os bebês para o pátio interno da creche. Algumas foram engatinhando e andando e, ao chegarem lá, encontraram as outras duas turmas já realizando a refeição. A professora direcionou-os para lavarem as mãos e se sentarem todos no tapete. Assim que todos se sentaram, ela organizou uma mesa com quatro cadeiras, chamou quatro crianças maiores e ajudou-as a se sentar, para dar início à inserção de alimento sólido na hora do almoço. Após a professora orientar os maiores na mesa a pegar na colher e levar o alimento à boca, sentou-se com os menores no tapete e os foi alimentando com uma comida mais pastosa.

Essa experiência da professora em introduzir pratos, talheres e modo de se sentar na refeição às crianças maiores remete à apresentação dos costumes sociais de alimentação e, de acordo com as experiências propostas pelas DCNEI (BRASIL, 2009a, art. 9º, parágrafo VI, p. 21), a professora, através da inserção de alimentos sólidos e modos de se alimentar, tem possibilitado “[...] situações de aprendizagens mediadas para a elaboração da autonomia das crianças.”

Em face desse episódio da alimentação, vemos que a professora percebe a necessidade de introdução de alimentos mais sólidos, respondendo aqui à necessidade fisiológica das crianças maiores, ao ingerir os alimentos, pois, nesse momento, havia no berçário bebês de 4 a 18 meses. Mais uma vez, percebemos a posição da professora em atender às necessidades das crianças que se apresentam de modo diferente, de uma para a outra.

Outro momento promovido no berçário que, de acordo com o observado nas DCNEI (BRASIL, 2009a, art. 9º, parágrafo XII, p. 22), foi positivo, com relação à “[...] utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas e outros recursos tecnológicos e midiáticos”, assim se concretizou:

Após atender às necessidades de troca de fraldas e alimentação dos bebês, a professora Alice trabalhou a identidade das crianças e a percepção do outro. Assim que entrei na sala, ela logo perguntou aos bebês: “Quem chegou?” Todos olharam e sorriram. Para a realização da chamada com os bebês, a professora pediu que se sentassem em roda e pegou uma caixa com as fotos dos mesmos. Os bebês que ainda não se sentavam foram colocados em pneus personalizados entre os demais. Ela pegou uma foto de cada vez e foi perguntando aos bebês se aquela criança estava presente na sala. A própria criança da foto se reconhecia, indicando o dedo para a fotografia e sorria, no sentido de afirmação “estou aqui”. Assim que as crianças reconheciam seus colegas, a professora, como ato de afirmação, a indicava colocando a mão na cabeça e todas olhavam para ela, batendo palmas. Logo após o reconhecimento dos bebês presentes, a professora ligou o notebook posto em uma cadeira pequena, à altura da visão das crianças, e mostrou imagens de bebês mamando, brincando, tomando banho, ouvindo música, passeando no campo, comendo e pintando a parede. As crianças presentes apontavam o dedo para o notebook e chamavam a atenção da professora com um sorriso. Para a professora, elas não só identificariam outros bebês, mas as situações que eles realizavam também.

Nesse episódio, no momento da chamada, a professora certamente com essa prática ajuda a criança na constituição de sua identidade e na superação do egocentrismo infantil que, de acordo com Piaget (FELIPE, 2001), é o momento em que o bebê se encontra em dificuldade de se colocar no ponto de vista do outro. A continuidade de descentralização da criança pequena, através das ações da professora, se vê na proposta de mostrar imagens de outras crianças realizando o mesmo que elas fazem, no berçário.

Quanto à identidade da criança, Oliveira et al. (2012, p. 172) assinalam ser importante os adultos realizarem um trabalho intencional, “[...] considerando a importância desse momento da vida para a construção da identidade da criança, favorecendo sua percepção de si no contato com diferentes adultos e crianças com quem possam construir parâmetros de semelhança e diferença.”

Nesse momento, o professor está promovendo experiências que “[...] possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões

de referência e identidades no diálogo e conhecimento da diversidade.” (BRASIL, 2009a, art. 9º, parágrafo VII, p. 21)

Em continuidade às interações desenvolvidas pelas professoras com os bebês, apresentamos a seguir as práticas pensadas por elas para a brincadeira dos bebês, com o intuito de constatar que se aproximam da Proposta Pedagógica da unidade e, indiscutivelmente, das DCNEI (BRASIL, 2009a).

No momento a seguir, proposto pela professora Beatriz, as brincadeiras das crianças pequenas são percebidos no canto temático “Lar, doce lar”.

Nesse dia, a professora trouxe um objeto diferente, chamou os bebês para esse canto e mostrou o tapete de sensações em que havia sido colado objetos com diferentes texturas. Ao se sentarem no tapete e tocarem na esponja de louça, papel laminado, lixas, plumas e sinos, as crianças olhavam sorrindo para a professora, que depois passou a tocar junto com elas. Dispersando para o restante do canto temático, a professora passou a observar as crianças que, sentadas no chão, pegavam os utensílios de cozinha feitos de plástico no armário, no mini fogão, na mini geladeira e jogavam no chão. Ao ver uma criança pegar a fruteira que estava com diferentes frutas de plástico, perguntou “É gostoso?” Pegando o limão, a criança colocou na direção da boca da professora, que, ao fazer uma expressão de azedo, gerou risos no pequeno e olhares estranhos dos outros bebês. Depois de conhecer as frutas pela expressão da professora, a criança passou a colocar na direção de sua boca também a laranja e a banana, que, segundo a professora, eram as frutas de que ela mais gostava. Outro menino pegou o telefone e falou: “Mamãe?” A professora logo questionou: “Está ligando para a mamãe?” Continuou, respondendo: “Já ela vem te buscar”. Uma menina, ao perceber que uma boneca estava dentro do mini berço, passou a embalá-la. A professora, atenta à ação da menina, perguntou: “Ela tá nanando? Já deu mamadeira para ela?” A menina respondeu com um sorriso, continuou embalando a boneca no berço e ficou com a mamadeira em sua mão.

No momento descrito, vemos que a professora Beatriz propõe a brincadeira para as crianças e não se afasta, deixando-as sozinhas, mas participa do processo de apropriação pelas crianças dos objetos funcionais, realizando algumas perguntas e observando a internalização das crianças.

Ao propor e observar as crianças manusearem os objetos referentes àqueles que eles veem em casa, entendemos que essa experiência está impulsionando “[...] a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”, como preconizam as DCNEI (BRASIL, 2009a, art. 9º, parágrafo VIII, p. 21).

Os objetos são portadores de significados culturais pelos quais as crianças se interessam e passam a integrar em suas brincadeiras, mesmo antes de se locomoverem no ambiente ou de se sentarem, pois, segundo Oliveira et al. (2012, p. 121), “[...] para investigar essa questão, os

bebês utilizam todo o seu corpo, manuseiam os objetos, passam nos pés e em outras partes do corpo, colocam na boca e, dessa forma, vão descobrindo os diferentes atributos desses objetos interessantes.”

Ao observar e questionar os três bebês, diante da fruteira, do telefone e do berço, a professora está contribuindo na brincadeira de faz de conta, que, conforme Oliveira et al. (2012, p. 123), “[...] de início, na brincadeira, a capacidade de imaginar está totalmente vinculada ao objeto, como quando o bebê fala ‘Alô!’ ao manipular um telefone real ou um objeto muito semelhante a ele.”

Outro momento relevante em destaque, quanto às propostas de brincadeira proporcionada pela professora Alice, foi brincar de dado.

A professora chamou as crianças maiores e conduziu os menores para a área solar e apresentou um dado gigante, com figuras de animais coladas nos seis lados. A professora colocou todos os bebês sentados em um mini círculo e, depois, apresentou os animais do dado, questionando: “Quem é?” para cada um deles, mostrando o som que emitiam. Ela jogou a primeira vez e caiu na figura de um pintinho. A professora logo percebeu uma criança com a mão aberta com o dedo indicador da outra mão no centro e falou: “É a música do Pintinho Amarelinho?” A criança sorriu e em seguida foi chamada para começar a brincadeira. Após, uma a uma, as crianças jogarem o dado, mesmo algumas com a ajuda da professora, os sons dos animais foram emitidos e as cantigas foram entoadas com gestos e palmas.

Compreendemos que a professora Alice, ao propor o jogo do dado de animais, acabou permitindo a expressão corporal e musical dos bebês, os quais por terem um trabalho específico com a música todos os dias, no espaço “Eu me remexo muito”, participaram da proposta de brincadeira da professora.

De acordo com Oliveira et al. (2012), além da exploração do espaço e da descoberta de suas possibilidades motoras, a Educação Infantil também deve proporcionar aos bebês a ampliação de suas possibilidades expressivas. A música é aproveitada pelas professoras em vários momentos pedagógicos com os bebês, como também no episódio a seguir.

A professora Beatriz inseriu um livro novo no espaço “Era uma vez” e chamou as crianças para verem o livro que estava junto de outras histórias. Depois de um tempo, após as crianças retirarem todos os livros do lugar, uma delas pegou o livro novo e mostrou para a professora, que foi logo falando “achô, achô!”, “muito bem!” Ela veio para o meio da sala e chamou as crianças que vieram andando e engatinhando para ouvirem a nova história. Ao sentá-las em roda, a professora leu a história de Chapeuzinho Vermelho, em uma nova versão, e mostrou as imagens para os bebês, como de costume. Ao fim da história, chamou as crianças para o espaço “Espelho, espelho meu”, para vestirem as fantasias confeccionadas dos personagens da história: o lobo mau, alguns animais presentes na floresta, a vovó e a Chapeuzinho. Ao término dessa arrumação, a professora propôs uma festa, colocando música animada para dançar e um objeto com hastes coloridas que jogavam luzes coloridas dançantes no teto da sala.

Algumas crianças entraram na dança, enquanto outras puxavam as fantasias dos coleguinhas e faziam gesto para tirar a sua. Uma bebê se destacou, pois, ao terminar de se vestir, olhou sorrindo para a professora, que expressou bem alto: “Olhem a ... uau como está gatinha!”

Analisando esse momento da professora com os bebês, verificamos que, além de proporcionar as experiências de aproveitamento da música com os bebês, a leitura de livros diários permite, apoiando-se nas DCNEI (BRASIL, 2009a, parágrafo III, p. 21), a possibilidade de momentos “[...] de narrativas, apreciação e interação com a linguagem oral e escrita e o convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”, quando os bebês têm total liberdade em manusear os livros.

Em uma conversa com a professora, questionei se ela não tinha receio de que rasgassem os livros do espaço “Era uma vez” e ela, toda entusiasmada, afirmou que podiam rasgar, sim, mas tudo desde bem cedo era ensinado para as crianças, como manusear os objetos, guardar os brinquedos e organizar a sala, para o que, conforme a professora, todos contribuía.

O ato de ler para as crianças, como a professora faz, contribui para o ingresso no mundo letrado, por meio de experiência lúdica e prazerosa, conforme assinalam os autores citados.

Outra característica no episódio acima é que, na proposta de as crianças vestirem as roupas dos personagens da história, além de a professora apresentar modelos diversificados para a criança brincar, imitar gestos, expressões, estará ajudando, conforme mostram Oliveira et al. (2012, p. 134) que o apoio de objetos e adereços ajuda a incrementar essas situações de representação dos personagens da história. A imitação se dá com base em um “[...] modelo presente, sendo que nesse exercício a criança precisa captar e reproduzir as características básicas do modelo, o que posteriormente irá possibilitar progressivamente a construção de imagens das situações.” (OLIVEIRA et al., 2012, p. 134).

A dança foi outro elemento visto nessa proposta de brincadeira feita pela professora. Os autores acima se referem a ela como “[...] uma manifestação cultural que, presente desde o mais remoto passado da humanidade, constituiu uma linguagem pela qual os diferentes povos representavam acontecimentos significativos [...]” (2012, p. 134).

O momento de dança das crianças já vestidas dos personagens da história retoma o que Oliveira et al. (2012, p. 130) explicam proporcionar a dança, na Educação Infantil:

A dança recria os movimentos, sensibilizando a criança pra o valor expressivo de seus gestos [...] É também uma importante fonte de prazer, autoconhecimento e sociabilidade, promovendo a construção de novas possibilidades expressivas e o aperfeiçoamento dos gestos, uma vez trabalhados de modo intencional na dança.

Um último período de brincadeira planejada pela professora, retomado por nós, para confrontar com o que sugerem as DCNEI (BRASIL, 2009a), por meio das brincadeiras, é a proposta dada pela professora Beatriz de, ao final de toda tarde, os bebês brincarem com as

crianças dos maternais, na área externa do prédio da creche, com os cavalinhos, as bonecas, o mini escorregador, os carrinhos, as motocas e outros brinquedos pedagógicos levados pelas professoras.

Os bebês eram auxiliados pelas crianças maiores a andar de motoca, pois os pequenos não alcançavam o pedal do brinquedo. Já as crianças maiores passavam pelo percurso pintado na entrada da creche com facilidade. No escorregador, os maiores esperavam os bebês descerem com o auxílio da professora, para que, sozinhos, aproveitassem o brinquedo. Em certo momento, os bebês deixaram os brinquedos e foram um a um à grade que separa a creche da rua, para olhar o movimento. À medida que passava um veículo ou chegava um familiar, a professora se referia ao nome do automóvel para as crianças: “é carro, é moto, é jipe” – e falava de quem era a mamãe, o papai, o irmão ou avós da criança que ia embora. Percebi que, ao passarem por todos os brinquedos, com o auxílio das professoras, à medida que o tempo passava, cada criança escolhia brincar com algo específico. Isso ocorreu com uma criança do berçário, que, ao notar que a professora Beatriz havia levado um brinquedo pedagógico de encaixe de caixinhas coloridas de diferentes tamanhos, sentou-se no chão e passou a encaixar. Em cada acerto, ela olhava para a professora, esperando uma reação dela. A professora Beatriz o parabenizava ou dizia para começar de novo o jogo. Nesse dia específico, as professoras, além de auxiliarem as crianças a trazer os brinquedos para a área externa e brincarem juntas, levaram um dominó de cores e sugeriram que todos brincassem na junção das cores. As crianças, desde as do berçário até as maiores, sentaram-se em semicírculo no pátio para ver como era a brincadeira. Uma a uma, as três professoras dos agrupamentos foram as primeiras a mostrar como se brincava. Depois disso, cada criança teve a oportunidade de jogar o dominó de cores. Interessante foi ver a ajuda que os maiores davam aos pequenos, indicando as cores certas a dar para a professora que montava o dominó de cores gigante, no chão, e o entusiasmo com que elas aplaudiam uma à outra. Claro que, em certo momento da brincadeira, quando uma criança maior errava a cor, a professora responsável pela brincadeira a questionava: “Olha bem, essa é a cor certa?” Era dado um período de tempo para que os maiores resolvessem os problemas e os desafios postos nas cores do jogo. Ao perceber o erro, a criança pegava a cor certa e sorria para a professora, que a parabenizava.

A proposta de brincadeira coletiva, como a no pátio externo da creche, contribuiu para que a cooperação entre as crianças com os brinquedos se fortalecesse. Esse momento rico de exploração do espaço com diferentes brinquedos, de acordo com Oliveira et al. (2012, p. 125), “[...] é um dos modos mais utilizados pelo bebês para conhecer também a si, seus limites e suas possibilidades motoras.”

Sobre a volta no percurso apresentado pelas professoras aos maiores, entendemos que, conforme os autores esclarecem, “[...] elas são capazes de repetir incessantemente movimentos aparentemente sem valor funcional pelo simples prazer de exercitar uma nova conquista motora.” (OLIVEIRA et al., 2012, p.125).

O percurso fixo pintado na entrada da creche, incentivado pelas professoras e realizado pelas crianças, faz-nos compreender que está também diretamente relacionado ao exposto nas DCNEI (BRASIL, 2009a, art.9º, parágrafo IV, p. 21), as quais sugerem que se “[...] recriem, em contextos significativos [...] orientações espaço-temporais.”

O planejamento das professoras para que haja a exploração dos espaços, contato com brinquedos e aproveitamento das brincadeiras dos bebês com as crianças maiores, colabora, sem dúvida, para a promoção do “[...] conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança” (BRASIL, 2009a, art.9º, parágrafo I, p. 21), além de exercitarem o senso de orientação espacial.

Atentando para as brincadeiras aqui planejadas pelas professoras do berçário e das outras, como no último episódio apresentado, acreditamos que são momentos de geração de “[...] interação e o conhecimento pelas crianças de manifestações e tradições culturais brasileiras”, como a experiência presente nas DCNEI (BRASIL, 2009a, art. 9º, parágrafo XI, p. 22), tarefa a ser cumprida pelos professores, pois os jogos e as brincadeiras construídas nos espaços de Educação Infantil são momentos de preservar as culturas infantis, isto é, as brincadeiras presentes em determinada região.

Nesse sentido, retomando o que constitui a brincadeira, Oliveira et al. (2012) garantem ser, desde o início, uma experiência que se adquire, quando compartilhada, e que se enriquece na interação com outros sujeitos portadores de cultura.

Nos bebês, a fase inicial da atividade lúdica é brincar com o próprio corpo ou com o corpo da mãe:

Mais tarde, quando a criança se torna capaz de sentar-se e o seu campo de visão é ampliado, seu interesse estende-se do próprio corpo para os objetos e para o que se pode fazer com eles. Ao final do primeiro ano, os jogos do tipo esconder e achar objetos são centrais na atividade lúdica do bebê, assim como colocar e tirar objetos de um recipiente. Ao brincar com os objetos as crianças procuram descobrir como eles funcionam, o que podem fazer com eles. Ao redor dos 15 meses, a criança utiliza objetos de uso cotidiano para realizar ações imitativas [...] (OLIVEIRA et al., 2012, p. 114).

Diante desses períodos do brincar infantil, os autores afirmam que a tarefa do professor é aprimorar o gesto e o enriquecimento do brincar, na criança de 0 a 2 anos, procurando contemplar e explorar a multiplicidade de suas funções e manifestações. T

Trouxemos até aqui as brincadeiras desenvolvidas intencionalmente com os bebês pelas professoras do berçário. Observou-se que estiveram em coerência com a determinação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009a), quando comparadas com as experiências que cada professor deverá promover, nos espaços educacionais infantis.

Resultados

Os resultados dessa pesquisa se apresentam em três momentos diferentes: referentes à análise documental, a entrevista e a observação.

Na análise documental das primeiras Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1999) e de sua revisão, dez anos mais tarde, percebemos que os avanços estiveram pautados mais em questões de ordem conceitual e de complemento do texto anterior ao que está em vigor. O primeiro refere-se à supressão da expressão “educação infantil integrante ao sistema de ensino”, porém, o fato de atualmente não vir destacado nas DCNEI (BRASIL, 2009a, art. 1º, p. 18) “o pertencimento ao sistema de ensino” não quer dizer que hoje não se faz. A Educação infantil desde a creche constitui um espaço educacional.

Houve o acréscimo do termo ‘curriculares’ à Proposta Pedagógica das instituições infantis, observado nos segundos artigos das duas Diretrizes. Sabendo que as Propostas Pedagógicas das instituições devem vir baseadas em princípios éticos, políticos e estéticos, tivemos a extensão do que sejam os aspectos éticos: “respeito ao meio ambiente e às diferenças culturais, identidades e singularidades.”

Por fim, tivemos a ampliação das Diretrizes de 1999 para que a Resolução de 17 de dezembro de 2009 entrasse em vigor com seu caráter mandatório, citando o modo democrático na elaboração das Propostas Pedagógicas das instituições infantis.

Em outra análise, a dos documentos oficiais para a Educação Infantil com identificação de qual definição trazem sobre a Proposta Pedagógica/Currículo e como estes deverão ser implementados pelas unidades infantis, vimos que não trazem uma definição do que seja a Proposta Pedagógica/Currículo, mas esclarecem que sua construção é um dos fatores para se firmar a Educação Infantil como um espaço educacional, visto que nesse documento estará explícito o que foi ensinado e, por sua avaliação, quais as aprendizagens observadas. Ressaltam que na elaboração da Proposta Pedagógica/Currículo das instituições infantis, esta deve firmar-se coletivamente, com a participação da direção, professores, comunidade, famílias e crianças.

Ainda compondo a análise documental, examinamos o Projeto Pedagógico da creche com base nos elementos pontuados por Sales e Faria (2012): a história da instituição, o contexto sociocultural, as concepções norteadoras do trabalho, a estrutura, as finalidades e os objetivos e a organização e a gestão do trabalho.

Entendemos que a Proposta Pedagógica segue as DCNEI (BRASIL, 2009a), nos aspectos que se referem ao histórico da unidade e do contexto sociocultural, às concepções norteadoras do trabalho, à organização e à gestão do trabalho, porém, falha em questões como

as finalidades e objetivos que não são voltados para as crianças, o que a nosso ver, este último aspecto nos faz perceber o motivo porque as práticas das professoras estão em consonância mais com as DCNEI (BRASIL, 2009a) do que com o documento da instituição. Não está claro o trabalho a ser realizado com as crianças.

Nota-se que a Proposta Pedagógica da creche teve a preocupação em cumprir a reivindicação legal de ter sido elaborada e trazer elementos essenciais ao desenvolvimento do trabalho de qualidade com as crianças pequenas, em cumprimento também da legislação vigente. Sabemos que muito está em processo de construção, sendo imprescindível que as ações dispensadas às crianças pelos professores e demais atores do processo educativo sejam orientadas por esse documento identidade das instituições infantis.

Com relação ao resultado da entrevista semiestruturada realizada com as duas professoras do Berçário, as respostas das questões nos fizeram considerar como a interação e a brincadeira esteve presente na formação das professoras, na Proposta pedagógica/Currículo da instituição e no papel de professor de Educação Infantil.

Não percebemos a referência direta à interação e a brincadeira como práticas a serem promovidas na creche nas respostas das professoras. No entanto, ressaltamos que, ao reconhecerem que a Proposta Pedagógica/Currículo deve atender a uma especificidade no atendimento dos bebês, focando nas necessidades dos pequenos e na importância do brincar, nesse período da vida, admitimos que levaram em conta a interação e a brincadeira sim, que, a nosso ver, não ocorrem em momentos estes, mas se inter-relacionam.

Na observação, os resultados relativos aos eixos escolhidos, a interação e a brincadeira, mostraram que as práticas planejadas intencionalmente para a ocorrência desses momentos respondem mais às experiências vistas nas DCNEI (BRASIL, 2009a) do que àquelas especificadas no Projeto Pedagógico da instituição, pois, à medida que íamos examinando os episódios de interação e brincadeira observados no espaço do berçário, notamos que se aproximavam das experiências ressaltadas no documento oficial, em seu artigo 9º, como aquelas que o professor deverá desenvolver nas instituições infantis.

Conclusão

Ao constatarmos que diante das conquistas no âmbito legal e na produção científica as práticas continuam improvisadas e os direitos da criança pequena não são totalmente respeitados, vimos que, uma realidade se destaca, a da creche – universo de interesse desta investigação – que vive uma realidade plausível de ser tomada como referência nas práticas com os bebês.

Primeiro porque a estrutura da creche e a formação das professoras são diferenciadas, segundo porque as professoras confeccionam os recursos que em momentos de formação com outros professores da área relatam a reação do bebê com os recursos e dos avanços obtidos para o desenvolvimento desses pequenos e, terceiro, porque fazem Pós-Graduação e se consideram professoras-pesquisadoras. Porém, como bem ressaltou uma das professoras participantes, “[...] o trabalho aqui não é um mar de rosas e, para que a qualidade do atendimento infantil seja atingida, o esforço de todos é necessário para o cumprimento do que foi pensado para a creche”.

Entendemos que a presente investigação tem sua relevância para a Educação Infantil, na contribuição de uma análise da legislação atual, do documento que rege a instituição investigada e das ações cotidianas em creche, desenvolvidas por professoras, o que pode colaborar para a contínua ação-reflexão-ação da prática e da postura de professores de creche e, por outro lado, contribuir no seu planejamento com os bebês. Além disso, as informações sobre o contexto dessa creche mostram que as conquistas da Educação Infantil, de acordo com o que tem determinado a legislação vigente, estão sendo vistas por aqueles que lutam pela educação de qualidade, desde a mais tenra idade.

THE CARE AND EDUCATION OBSERVED IN THE INTERACTION AND PLAYING PLANNED BY TWO TEACHERS OF THE NURSERY

Abstract: The qualitative research, characterized as descriptive-analytic, presented here, was linked to the research line ‘Formative Processes, Childhood and Youth’ and to the Graduate Program for Master’s in Education, Faculty of Science and Technology - FCT / UNESP and was carried out during the years 2014-2016, and had as objective research is to see whether the Practices of two Nursery (0-2 year-olds) teachers match with the Pedagogical Proposal in the assigned municipal nursery as well as with the National Curricular Headlines for Child Education. To carry out the research, the following methodological instruments were selected: documentary analysis, semi-structured interview and observation. Through the document analysis, we infer that great deal of the items established in the National Curricular Headlines for Child Education complied by Pedagogical Proposal of the researched institution. During the interviews, the teachers’ answers did not reveal questions related to the axes of interaction and play, but when they underlined that there is a peculiarity in nurseries, through playing, we infer that those axes were present since they are interrelated. The findings in relation to the chosen analytical axes, interaction and play, show that the intentional planned practices for those moments respond more to the experiences seen in the DCNEI (BRASIL, 2009a) than to those specified by the Pedagogical Project of the institution. The investigated institution a differentiated structure and training of teachers and the way they consider teachers-researchers. Because of this, it is noteworthy in the context almost always so in need of practices that integrate care and education through interaction and play.

Keywords: Nursery. Pedagogical Proposal. Pedagogical Practice. Interaction and Play.

EL CUIDADO Y EL EDUCAR OBSERVADOS EN LA INTERACCIÓN Y EN LA BRINCADA PLANIFICACIÓN POR DOS PROFESORAS DEL BERÇÁRIO

Resumen: Una investigación cualitativa, caracterizada como descriptiva-analítica, aquí presentada, vinculada a la línea de investigación "Processos Formativos, Infancia y Juventud" y Programa de Post-Graduación en Educación - Mestrado, Facultad de Ciencias y Tecnología - FCT / UNESP E foi realizada durante los años de 2014-2016, y tuvo por objetivo verificarse como prácticas de docentes en el marco de una Proposta Pedagógica de la creencia y se definen como determinantes de las directivas Curriculares Nacionales para la Educación Infantil. Análisis documental, entrevista semiestructurada y observação. Com a análise documental, inferimos que gran parte de los requisitos establecidos en las directrices. Nas entrevistas, las respuestas de los profesores no evidenciaron las cuestiones referentes a la interacción y la brincora, como prácticas a ser promovido en la creche, la mas, para el resaltar que hay una especificidad en la creche, a través de brincar, inferimos que retrataron los eixos, Relacioname Los resultados revelaron que las prácticas planeadas intencionalmente para la realización de la intercesión y la brincadeira responden más a las experiencias de las vistas DCNEI hacer que a las especificaciones no Proyecto Pedagógico de la institución. A La institución investigada presenta una estructura diferenciada y una formación de profesores, así como, cómo se considera profesor-investigadoras. En razón de ello, se notabilizan en el contexto y en el aprendizaje de las prácticas que integran el cuidar y educar, por medio de las interacciones y brincadeiras.

Palabras clave: Guardería. Proposta Pedagógica. Prática Pedagógica. Interação e Brincadeira.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A. L. N. Educação Infantil e Currículo: Compassos e Descompassos entre os Aspectos Teóricos, Legais e Políticos. **Rev. Espaço do Currículo**, João Pessoa, v.3, n.1, p.451-461, 2010. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/9105/4793>>. Acesso em: 20 de jun. 2014.

_____. **Sobre educar na creche:** é possível pensar em currículo para crianças de zero a três anos? 2011. 333f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

_____; DIAS, A. A. Currículo e Educação infantil: uma análise dos documentos curriculares nacionais. **Rev. Espaço do Currículo**, João Pessoa, v.4, n.2, p. 125-137, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/12330/7106>>. Acesso em: 26 de jun. 2015.

BRASIL. Resolução CEB 1/99. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: Diário Oficial da União, 13 de abril de 1999a. Seção 1, p. 18.

_____. Resolução CEB n.º 5 de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009a.

BRITO, K. R. S. Um estudo reflexivo sobre o Currículo na Educação Infantil. **Rev. Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v.5, n.1, p. 68-79, 2014. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/16882/11488>>. Acesso em: 10 de ago. 2014.

CARVALHO, R. N. S. **A construção do Currículo da e na Creche:** um olhar sobre o cotidiano. 169f. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

_____; BISSOLI, M. F. **Planejamento Curricular da creche**: das dicotomias entre o dito e o feito a um caminho para a formação continuada. In: ENDIPE, XVI. Anais... Campinas, p. 3647-3659, 2012. Disponível em:

<http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2646p.pdf>. Acesso em: 12 de set. 2014.

FELIPE, J. **O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista**: Piaget, Vygotsky, Wallon. IN: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. (Org.). Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 27-37.

LOPES, D. M. C.; SOBRAL, E. L. S. **Educação Infantil e Currículo**: políticas e práticas. Revista Debates em Educação. V.6, n.11, p. 75-103, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/1320/930>>. Acesso em: 14 de ago. 2014.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. **Métodos e coletas de dados**: observação, entrevista e análise documental. In: LUDKE, M; ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. p. 25-44.
MARCUSCHI, L. A. Análise de conversação. 5 ed. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, C. V. **Projetos de trabalho na creche UFF**: articulação com a proposta pedagógica e a produção das crianças. 2013. 134f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, Z. M. R. de. et al. **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, M. C. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1605>>. Acesso em: 26 de jun. 2015.

SALLES, F.; FARIA, V. **Currículo na educação Infantil**: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

SOBRAL, E. L. S.; LOPES, D. M. C. **Educação Infantil, Currículo e Saberes docentes**: percursos de uma pesquisa-ação. Rev. Espaço do Currículo, João Pessoa, v.3, n.2, p. 626-641, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/9671/5259>>. Acesso em: 26 de jun. 2015.

SZYMANSKI, H. **Entrevista Reflexiva**: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. (Org.). A entrevista da Educação: a prática reflexiva. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2010. p. 9-61.

TROIS, L. P. **O privilégio de estar com as crianças**: o currículo das infâncias. 2012. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2012.

VIEIRA, I. C. S.; Garms, G. M. Z. **Legislação, Políticas Nacionais para a Infância no Brasil e o Currículo (0-3 Anos)**: por onde começar? Relatório de Pesquisa/IC. Financiado pelo CNPq. 2014, p. 1-89.

Recebido em fevereiro de 2017.
Aprovado em janeiro de 2018.